

Recriando um passado imaginário: o “gothic revival” nas igrejas medievais de Norwich.

Rebuilding an imaginary past: the gothic revival in Norwich medieval churches.

*Luís Mauro Sá Martino*¹

Resumo: Este texto mostra alguns efeitos do chamado “revival gótico”, movimento artístico, literário e religioso da Inglaterra vitoriana em duas igrejas medievais de Norwich, na Grã-Bretanha. Em termos religiosos, o “revival gótico” propunha uma volta a uma liturgia anterior à Reforma Anglicana do século XVI, o que implicou a restauração de igrejas para adaptá-las ao que se entendia como “medieval”, ao menos aos olhos do restaurador, mesmo quando isso significava destruir os elementos originais da Idade Média. Este artigo explora dois aspectos da restauração: a reconstrução e a redecoração de igrejas para deixá-las “medievais” de acordo com as concepções do século XIX.

Palavras-Chave: Revival Gótico. Religião. Arquitetura.

Abstract: This text shows the effects of the called ‘gothic revival’ in two medieval churches in Norwich, England. The ‘gothic revival’ was a movement that pervaded arts, literature, and religion. One of its main aspects in religious matters was the longing to return to the pre-Reformation liturgy and doctrine, which implied the restoration of church buildings to adapt them to what seemed to be ‘correct’ to the restorer’s eyes, even if this meant the destruction of original medieval work. This article explores two aspects of these restorations, the partial rebuilding and the total redecoration of a church, done to make them appear ‘medieval’ accordingly to the 19th lens.

Keywords: Gothic revival. Religion. Architecture.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero

Lidar com um movimento como o revival gótico (“gothic revival”), tema que toca a literatura, a estética, a arquitetura e várias outras áreas, é trabalhar na intersecção de várias disciplinas. Neste texto, o revival gótico será pensado a partir de um estudo do espaço religioso, entendido, no sentido indicado por Milton Santos (1996), como uma produção histórica envolvida em uma trama de processos materiais e simbólicos. O caso estudado são duas igrejas da cidade de Norwich, Inglaterra, que, cada uma a seu modo, mostram-se representativas da ação concreta do revival gótico na restauração dos espaços religiosos.

Assim como acontece em outros movimentos e escolas, lembra Lewis (2002), o nome “gothic revival” sugere uma unidade de pensamento e ação que dificilmente encontrou um correlato na prática. Ao contrário, seria talvez mais correto definir sob esse nome um emaranhado de ideias, princípios, criações artísticas, literárias e arquitetônicas que tinham em comum um olhar para trás na História calcado, sobretudo, na imaginação do passado não como foi, mas como se imaginava ter sido (Hobsbawm, 1994; Lowenthal, 1999).

Mais do que um movimento literário ou arquitetônico, o revival gótico, especialmente na Inglaterra, parece ter sido uma vaga que, ao longo do século XIX, levou consigo uma parte da intelectualidade britânica, francesa e alemã, disseminando-se nas artes plásticas, na literatura e na arquitetura – é possível citar, entre suas figuras principais, A.W. Pugin, Violet-le-Duc, Dante Gabriel Rossetti ou John Ruskin. Cronologicamente, seguindo Lewis (2002), pode-se pensar o movimento como algo que se estende no período de finais do século XVIII à 1914, encontrando seu apogeu, no caso inglês, na segunda metade do século XIX.

Neste trabalho, o foco será limitado à indicar como uma determinada interpretação do passado medieval objetivou-se em uma concepção de religião, particularmente de liturgia, que, por sua vez, levou à restauração física do edifício de igrejas medievais em Norwich, Inglaterra. O objetivo é apresentar dois casos distintos – a restauração e a reconstrução – de ação do revival gótico em duas igrejas da cidade.

A construção dessa tipologia resulta, em primeiro lugar, de trabalho de campo realizado pelo autor durante o ano de 2008, quando foi possível visitar essas igrejas *in loco* e obter informações de primeira mão a respeito de seu uso e conservação; esse

trabalho de coleta de dados foi secundada pela análise de documentos a respeito de cada uma das igrejas – panfletos, sites, livretos de apresentação.

As igrejas selecionadas podem ser consideradas representativas de aspectos diferentes do revival gótico, a saber, uma reconstrução e uma restauração: St John Maddermarket passou por uma restauração interna completa no século XIX que se estendeu pelo século XX, quando ganhou uma nova aparência “medieval”; St Giles-at-the-Hill passou não apenas por uma reforma na decoração interna, mas foi parcialmente reconstruída para ganhar um aspecto “gótico”. Cada uma delas parece indicar uma extensão diferente do revival gótico.

Conforme argumenta Stancliffe (2008), a correlação entre arquitetura e liturgia é uma associação que já existe na literatura especializada. Assim, neste trabalho, não se pretende identificar essa relação, mas indicar algumas de suas manifestações em circunstâncias particulares.

É possível, dentro dos limites de uma associação, observar que, no caso do revival gótico, essa relação entre a fabricação e o uso do espaço foi novamente estabelecida, e, como indica Chapman (2007), não foi coincidência que o grande desencadeador das reformas e restaurações nas igrejas medievais ocorridas no século XIX tenha sido uma série de movimento de mudança dentro da Igreja Anglicana que tinham entre seus objetivos o retorno a um estilo de celebração pré-Reforma Protestante.

Neste último caso, as propostas arquitetônicas para os edifícios eclesásticos coincidiu também com alterações na liturgia e na própria concepção de “religião” na Inglaterra. Não parece ser possível separar um olhar sobre a arquitetura das igrejas de um estudo da religião praticada nesses lugares. Dessa maneira, este não se propõe a ser um exame da arquitetura ou da liturgia especificamente, temas que talvez pudessem interessar mais à arquitetura ou à teologia, mas à matriz cultural comum, o revival gótico, que orienta essas duas práticas e permite observar, em dois exemplos concretos, sua atuação na formulação concreta de um tipo de prática religiosa que, por isso, interessa à história, à história da arte e à sociologia da religião.

No que se segue, será oferecido em primeiro lugar um panorama da situação dessas igrejas desde sua concepção medieval até o início do revival gótico. Essa primeira parte tem como objetivo unicamente situar e contextualizar o ambiente no qual o estudo de caso está enquadrado, e não discutir minúcias, datas específicas ou fatos singulares.

Em seguida, serão delineados alguns aspectos do movimento que se manifestam concretamente nas igrejas que compõe o caso estudado. Finalmente, a especificidade de cada uma das construções será abordada.

1. O som e a visão: liturgia e a estrutura das igrejas

A estrutura típica da maior parte das igrejas medievais de Norwich é constituída de uma torre, em geral quadrada, a nave da igreja, onde ficam os fiéis, e uma parte ligeiramente menor, a “chancel”, a “capela”, lugar reservado para o altar, os clérigos e, quando havia, para o coro. Além disso, pórticos mais ou menos trabalhados estão agregados às portas da igreja, geralmente decorados com imagens, figuras ou inscrições em latim.

A partir das pesquisas históricas de Cook (1957) e Duffy (2008), é possível se ter uma idéia da aparência pré-Reforma dessas construções e observar de que maneira uma certa concepção de liturgia estava vinculada à configuração simbólica do espaço. A argumentação que se segue é tributária desses autores.

Na parte de dentro da igreja, velas iluminavam o ambiente repleto de imagens de santos, incenso e pinturas nos muros, enquanto a luz era filtrada por vitrais que deixavam o ambiente sempre na penumbra, mesmo nos dias de sol. No meio da nave, uam fonte de pedra era usada para batismos. Nas laterais, altares secundários podiam expressar devoções particulares de alguma família mais rica da região, enquanto do lado direito do altar principal podia ficar uma capela dedicada à Santa Maria. Dividindo a nave da “chancel”, ficava a “rood screen”, espécie de divisória de madeira decorada, às vezes com motivos religiosos, permitindo aos fiéis, no entanto, uma completa visão do que acontecia no altar. Em alguns casos, havia outras “rood screens” nos altares secundários ou mesmo nas capelas laterais. Sobre o “rood screen” principal, apoiada entre as paredes da igreja, ficava uma viga de madeira sobre a qual haviam imagens de Jesus Cristo crucificado, acompanhado de santa Maria e são João, um de cada lado.

As igrejas são construídas em *flint*, única pedra da região apropriada para construções, empregada também em algumas sedes das fazendas de Norfolk, região aonde fica a cidade de Norwich. Essas pedras, encaixadas de maneira irregular, dão às igrejas medievais da região um certo aspecto assimétrico quando vistas de perto –

nenhuma das pedras é exatamente do mesmo tamanho da pedra ao seu lado. Esse material dá uma coloração externa cinza-azulada para essas igrejas, e seu caráter distintivo permite a identificação quase imediata desses edifícios observados contra o fundo das construções modernas da cidade.

Um dado financeiro entra em cena: materiais de construção mais baratos, como a madeira, por exemplo, eram empregados por comunidades menos ricas e praticamente nenhum exemplo sobreviveu até os dias atuais. A presença de cada um dos elementos enumerados, bem como sua magnitude, estavam relacionados com o poder aquisitivo de membros (“parishioner”) da congregação – em alguns casos, de uma única pessoa, quando se tratava de alguém pertencente às famílias ricas da região. A construção das igrejas, além de estar relacionada à fé de seus patrocinadores, era também uma demonstração de prestígio e poder econômico. A título de exemplo, basta lembrar que a igreja de St Peter Mancroft, a maior da cidade, foi patrocinada por comerciantes valões estabelecidos na região como uma maneira de mostrar sua prosperidade e poder econômico.

Esse quadro se altera drasticamente com a Reforma Anglicana. Seguindo-se ao chamado “Ato de Supremacia”, que tornou o rei Henrique VIII líder da igreja cristã na Inglaterra, em 1538, veio a ordem de dissolução das ordens monásticas e, conseqüentemente de suas igrejas. Nos anos subsequentes, testemunhou-se um processo de destruição sistemática das igrejas, despojadas de tudo o que pudesse lembrar o catolicismo – foram atacadas com especial fúria as imagens de santos, os murais nas paredes e os vitrais, bem como grande parte da mobília voltada para a celebração dos sacramentos católicos (SPENCER, KENT & COURT, 1990).

Não se deve creditar, no entanto, atos de vandalismo a nenhuma diretriz específica da Igreja Anglicana; é mais provável, como acredita Eamon Duffy (2008) e Steve Bruce (1997), que se tratou mais da ação de pequenos grupos radicais que venciam pelo medo do que propriamente uma ação orquestrada pelo rei ou de ações “espontâneas” da população.

Em termos litúrgicos, a arquitetura eclesiástica das igrejas medievais de Norwich privilegiava a visão do altar, deixando em segundo plano os outros elementos. O momento da comunhão, centro da celebração católica, era também o ponto de fuga arquitetônico para o qual convergia o olhar: o formato retilíneo das igrejas, bem como a

altura de seus arcos, criam um efeito de corredor no ponto de fuga, direcionando a visão para o altar onde acontece a celebração. O espaço era adaptado para a celebração do sacramento, ponto alto da liturgia quando então os fiéis esperavam o momento de contato direto com o sagrado na forma da comunhão.

Após a Reforma Anglicana, o foco deslocou-se para o sermão, deixando a mesa de comunhão reservada para ocasiões especiais. O objetivo não era mais fazer convergir o olhar, mas permitir a escuta. Em comparação com sua contrapartida católica medieval, as igrejas Anglicanas tinham como característica a sobriedade, enquanto suas correlatas se caracterizavam por uma profusão de cores, imagens e apelos aos sentidos.

Em linhas bastante amplas, essa era aproximadamente a situação das igrejas medievais de Norwich no momento em que se toma forma o movimento que seria caracterizado como “gothic revival”.

2. A matriz cultural do “revival gótico”

De acordo com Stancliffe (2008), o revival gótico se inicia e afirma como fruto de uma mudança religiosa acoplada a uma revisão do sentido da arquitetura das igrejas.

Seguindo a argumentação de Chapman (2007), o primeiro elemento a destacar é um momento de crise na Igreja Anglicana vivido no início do século XIX. Em linhas gerais, lembra Melman (1991), trabalhando em outro contexto, estava em jogo a afirmação de uma identidade, nacional e religiosa, em torno de uma concepção de “religião” no momento em que essa igreja se espalhava pelo império colonial britânico.

Se a Igreja Anglicana, criada no século XVI, conseguiu afirmar-se como uma espécie de *via media* entre Católicos e Protestantes, essa afirmação é creditada por vários autores à relação direta com a monarquia britânica: a Igreja Anglicana (“Church of England”) faria parte de um “modo de ser” inglês (“englishness”). No entanto, quando essa igreja se expande além das ilhas britânicas, qual é o solo teológico, doutrinário e litúrgico no qual ela se afirma? Uma das respostas à essa questão foram os movimentos de renovação na igreja anglicana, dentre os quais um dos mais influentes foi o movimento “Tractarianista”, também chamado “Oxford Movement” ou ainda classificado como “Anglo-Católico”.

Protagonizado pelo então pastor anglicano Henry Newman, mais tarde convertido ao catolicismo e tornado cardeal, o movimento tinha como objetivo destacar uma narrativa de origem na qual se sublinhava a origem “católica” e a “tradição apostólica” da Igreja Anglicana, nos escritos dos chamados “Padres da Igreja” e na volta ao que seria uma vertente mais “pura” da igreja, como se entendia que havia sido nos tempos pré-Reforma.

Na prática, isso significava reintroduzir nas cerimônias religiosas vários elementos do ritual católico romano, como a queima de incenso, os paramentos eclesiásticos para os sacerdotes, o canto em Latim, embora não necessariamente gregoriano, e mesmo o uso de orações tradicionais. Mais do que isso, o momento de encontro com o sagrado na comunhão teve seu *status* equiparado aos momentos da prédica sacerdotal, deixados em pé de igualdade no que diz respeito à liturgia. Finalmente, em termos doutrinários, houve uma busca por deixar de lado a ruptura causada pela Reforma e uma reinserção nos moldes de uma Igreja Católica, evidentemente sem nenhum tipo de submissão ao bispo de Roma.

Vale lembrar, com John Frew (1980), que o revival gótico acontece também em um momento no qual é formada uma imagem específica de Idade Média. Sem entrar nos pormenores a respeito da construção intelectual e hermenêutica dessa imagem, é suficiente observar seus contornos. A “Idade Média” para a qual o revival gótico escapava era, em geral, uma época idealizada de uma sociedade pré-capitalista, na qual os laços de sociabilidade se formavam sobre “valores”, não sobre uma economia de troca.

Se há uma dose considerável de idealização nessa concepção da vida cotidiana na Idade Média, não foi melhor com as idéias artísticas e, em especial, arquitetônicas. Como lembra Cook (1954), os restauradores do revival gótico tinham como objetivo reformar as igrejas para restaurá-las não necessariamente à aparência que elas tinham na Idade Média, mas àquilo que, no julgamento deles, tinha sido uma igreja medieval.

A restauração não tinha como objetivo levar de volta ao que *foi*, mas ao que, na opinião dos restauradores, *deveria ter sido*. Dessa maneira, tratava-se de recriar uma Idade Média tal como ela era imaginada, ainda que isso significasse, de fato, destruir os últimos vestígios originais das construções medievais.

Levando em consideração os riscos e limites de uma classificação, e sem pretender com isso dar conta de todas as variáveis que se apresentam ao estudo, é

possível identificar duas formas de lidar com o espaço sagrado no contexto de uma renovação litúrgica engendrado pelo revival gótico: (a) a restauração parcial da parte interna da igreja, mantendo a estrutura intacta e (b) a reconstrução de parte do edifício, combinando o gótico da época com o do século XIX.

3. Reconstrução externa: o caso de St Gilles at the Hill

Na entrada do pátio da igreja de St Giles at the Hill, às sextas e sábados, há uma placa indicando “Medieval Church Open”. De fato, trata-se de uma igreja medieval, construída entre 1377 e 1399, com poucas adições posteriores. A igreja é construída em *flint*, único material de construção disponível na região de East Anglia, e comporta todos os elementos que o senso comum poderia esperar de uma igreja medieval: arcos em forma de ogiva, uma cor cinza escura, gárgulas – servindo como escoadouro de água – e amplas janelas, também em ogiva. A nave é dividida externamente em dois níveis, o de cima ligeiramente mais recuado, onde há um outro conjunto de janelas ogivais. O pórtico de entrada, um acréscimo posterior, usa o mesmo material de construção.

Um primeiro elemento do revival gótico pode ser observado na estrutura externa do edifício. Apesar da aparente homogeneidade da construção, alguns detalhes não escapam à percepção quando se nota alguns contrastes entre a torre e a nave, de um lado, e a capela, de outro. Embora o estilo seja em tudo semelhante, e essa diferença possa facilmente passar despercebida, trata-se de uma alteração: capela (“chancel”) atual é uma reconstrução feita em 1866/1867; a original foi demolida em 1581: o estado de conservação era de tal maneira precário que decidiu pela demolição (THOMPSON, 2007).

Apesar do esforço na construção de algo afim ao resto da construção, os sinais da alteração podem ser observados nos detalhes. O primeiro deles talvez seja a cor: há uma variação na tonalidade do *flint* usado na nave da igreja em comparação com aquele usado na capela, mais claro. Um exame mais próximo revela também uma certa diferença no estado de conservação das pedras – o desgaste das pedras da capela é consideravelmente menor. Os contornos da construção, na capela, também parecem ser de um material mais claro do que o do resto da igreja, e seu telhado parece estar mais novo. Essa diferença de coloração se deve sobretudo à ação do tempo, algo que o revival

gótico não conseguiu simular. Dessa maneira, diante de St Giles, observa-se uma construção em dois níveis, com uma solução de continuidade nas linhas arquitetônicas mas não nos detalhes do material utilizado.

Além dessa reconstrução parcial, o elemento mais forte do revival gótico está no interior da igreja. Como define Knott (2007), trata-se de “uma igreja vitoriana em uma casca medieval”. De fato, o que também caracteriza o neogótico em St Giles é seu interior reconstruído e redecorado na época vitoriana, no máximo do estilo anglo-católico. A rigor, seria difícil, à primeira vista, dizer exatamente se se trata de uma igreja católica ou anglicana.

Os sintomas de uma restauração se fazem visíveis desde a entrada. Há imagens coloridas de santos – em destaque, nos lados do altar, à esquerda uma estátua de St Giles, o padroeiro da igreja, e à direita uma de Santa Maria, no que é chamado de “Capela de Nossa Senhora”, outro elemento característico das construções medievais, expressamente feitas para a devoção mariana, bastante forte até a Reforma Protestante. A partir daí, com a ênfase na perspectiva de salvação na figura de Jesus Cristo, deixou-se de lado o culto à Santa Maria, que retorna litúrgica e fisicamente no século XIX. Não há pinturas temáticas nas paredes, mas destaca-se, em termos de cores, o imenso painel de vitrais na janela principal da capela. Esses vitrais, igualmente vitorianos, substituem parcialmente os que deveriam ocupar o lugar na primeira capela e, como todos os outros, foram destruídos durante a Reforma.

As celebrações em St Giles seguem o estilo anglo-católico, chamado por vezes de “high church” ou, como se define no site da igreja, se situa “na tradição católica dentro da Igreja da Inglaterra”, e suas celebrações incluem o uso de incenso, coro – cantando às vezes em latim, mas também usando grande parte do devocionário anglicano – e órgão de tubos, além de seguir as partes fixas e móveis do rito católico romano. À adequação arquitetônica se segue a conformação litúrgica do que se imagina ter sido uma celebração pré-Reforma.

4. Decoração interna: o caso de St John Maddermarket

O caso da restauração e redecoração da igreja de St John Maddermarket é emblemático no sentido de se tratar de uma reconstituição de época que revela um outro

aspecto do assunto. Se os restauros em St Giles-on-the-hill mostraram um trabalho na parte externa do edifício, nesta igreja a reconstrução se concentrou na parte interna. Além da pesquisa de campo, serve-se aqui dos detalhes fornecidos por Tricker (2001) em sua apresentação da igreja. “Madder” refere-se a uma flor da qual era extraída uma tintura avermelhada, comerciada no local no século XVI – daí “Madder Market”.

O interior de St John Maddermarket é uma espécie de quebra-cabeças no qual peças medievais se articulam com materiais fabricados no século XIX, trocados várias vezes de lugar, adaptados e readaptados com vistas à deixar o local com a aparência mais “medieval” possível; ao mesmo tempo, em certos aspectos, procura proteger o patrimônio medieval original tirando-o de seu contexto e colocando-o em exposição em outros espaços dentro da igreja. Pela extensão dos procedimentos de restauração nessa igreja, que foge ao escopo e aos limites deste trabalho, vale à pena fechar o foco na redistribuição dos monumentos fúnebres por conta de sua adequação ao objetivo proposto.

Para entender a extensão desse procedimento, vale lembrar que até meados do século XIX há indícios de que as igrejas não eram apenas os locais de culto religioso, mas também de sepultamento. O “campo santo” demarcado pelos limites físicos das imediações das igrejas se configurava, aparentemente, também por espaços no interior da nave. Assim, conforme se anda em uma dessas igrejas medievais, caminha-se sobre grandes lápides que demarcam o lugar aproximado do sepultamento, geralmente indicando o nome de quem está lá, às vezes em latim, outras em inglês arcaico. Essas lápides, dispostas geometricamente em retângulos, formam o piso da igreja. O tamanho e a qualidade desses blocos refletia a importância e o poder de quem estava enterrado. Ser sepultado dentro da igreja era considerado uma honraria, e a proximidade do altar, bem como as inscrições gravadas, conotavam o espaço social ocupado em vida pela pessoa.

No caso de St John, esse componente litúrgico foi alterado durante a restauração feita durante o revival gótico, em primeiro lugar, e, mais recentemente, para a conservação de algumas dessas lápides.

Logo após o portico de entrada, há chumbadas na parede placas de bronze esculpidos em baixo-relevo. Representam o xerife da cidade no século XVI e sua mulher. Originalmente, esses blocos estavam no chão, próximos ao altar, por conta dos

elementos mencionados. No entanto, no intuito de preservar a lápide, optou-se por retirar a placa do chão e recolocá-la na parede. Essa mudança pode ser vista como representativa do paradoxo que acompanha alguns elementos do revival gótico: a alteração do espaço é vista como uma maneira de preservar o elemento material do passado de dotá-lo de um sentido novo, não mais em sua posição litúrgica original, mas por conta de seu valor como objeto dotado de um passado que, como lembra David Lowenthal (1999) deve ser preservado.

As lápides do chão igualmente foram reorganizadas nos séculos XIX e XX de maneira a ficar em uma ordem “mais harmonica” do que a original, e portanto mais próxima do que se imaginava ser no período medieval. Apenas a título de menção, vale lembrar que além dessa reestruturação de materiais preexistentes, houve também a incorporação de objetos antigos trazido de igrejas que deixaram de ser usadas por conta da queda no número de fiéis. O altar de madeira, por exemplo, pertencia à igreja de St Michel-at-Coslany, também em Norwich, enquanto o incensário foi presente de um dos vigários no início do século – não há informações sobre sua origem. Sheppard (1995), estudando outras igrejas da região, mostra um processo parecido – no entanto, no caso observado por ela tratou-se da construção de uma igreja em estilo neogótico, não da restauração de um edifício preexistente.

O palimpsesto formado pela adição sucessiva de camadas de novos elementos materiais é regido, internamente, pela lógica do revival gótico. Assim como no caso de St Giles-on-the-hill, as alterações em St John Maddermarket foram o resultado da combinação de um esforço arquitetônico com uma perspectiva litúrgica, “arqui-anglo-católica”, como define Knott (2005).

Considerações finais

A perspectiva da recriação de um passado imaginário parece ser uma das linhas a partir das quais é possível traçar alguns contornos do revival gótico. A noção de volta a um passado que talvez não tenha existido senão nas formas como era imaginado objetivou-se em novas práticas litúrgicas e arquitetônicas. No caso das igrejas medievais de Norwich, esse movimento significou dar um novo aspecto para as igrejas, recuperando-as para uma maneira específica de compreender o passado. O olhar que

incide sobre St Giles-at-the-Hill e St John Maddermarket observa um recorte do imaginário vitoriano mesclado com reminiscências de um gótico retrabalhado ao longo de séculos de mudanças e restaurações, e indica, da mesma maneira, como foi possível, em uma época, transformar a imaginação de um passado em produções cultura material. De certa maneira, na reconstrução de um passado que talvez nunca existiu.

Referências bibliográficas

BRUCE, S. The Pervasive World-View: Religion in Pre-Modern Britain. **The British Journal of Sociology**, Vol. 48, No. 4 (Dec., 1997), pp. 667-680

CHAPMAN, M. **Anglicanism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

COOK, G. H. **The English cathedral through the ages**. Londres: Phoenix, 1957.

COOK, G. H. **The English mediaeval parish church**. Londres: Phoenix, 1954.

DUFFY, E. **The stripping of the altars**. Yale: University of Yale Press, 2008.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

FERRARA, L. A. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 2001.

FREW, J. An Aspect of the Early Gothic Revival: The Transformation of Medievalist Research, 1770-1800. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, Vol. 43 (1980), pp. 174-185

GRANT, D. S. "Symbols, stories, and practices. **The Sociological Quarterly**, Volume 42, Number 2, pages 233-251, 2005.

HAMILTON, M. **The sociology of religion**, London: Routledge, 1995.

HOBBSAWM, E. A invenção das tradições. In: _____ & RANGER, T. **A invenção das tradições**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KNOTT, S. St John Maddermarket. Disponível em: *Norfolk Churches* Disponível em <<http://www.norfolkchurches.co.uk>> Acesso em 25/07/2009.

LEWIS, M. **The Gothic Revival**. Londres: Thames & Hudson, 2002.

MARTINO, L. M. S. De espaço sagrado à pista de dança: o caso das igrejas medievais de Norwich. **Revista História**. São Paulo. V.29, n.1, 2010.

_____. A invenção do passado no gótico vitoriano: a igreja de St Mark, em Norwich. **Revista Diálogos**. Vol. 15, no. 2, mai-ago 2011, pp. 359-376.

MEERES, F. **A history of Norwich**. Londres: Phillimore & Co Ltd, 1990.

MELMAN, B. Claiming the Nation's Past: The Invention of an Anglo-Saxon Tradition **Journal of Contemporary History**, Vol. 26, No. 3/4, (Sep., 1991), pp. 575-595

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História** no. 10, Dezembro 1993, pp. 7-28.

NORWICH CONSERVATION CHURCHES TRUST. The Work of NCCT. Disponível em <http://www.norwich-churches.org/about/about_nhct.shtm> Acesso em 28/07/2009.

RAGUIN, V. Revivals, Revivalists, and Architectural Stained Glass. *The Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 49, No. 3 (Sep., 1990), pp. 310-329

SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Técnica Espaço Tempo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SHEPARD, M. Our Fine Gothic Magnificence: The Nineteenth-Century Chapel at Costessey Hall (Norfolk) and Its Medieval Glazing. **The Journal of the Society of Architectural Historians**, Vol. 54, No. 2 (Jun., 1995), pp. 186-207

SPENCER, N., KENT, D. e COURT, A. **The old churches of Norwich**. Norwich: Jarrold Publishing, 1990.

STANCLIFFE, D. **Church Architecture**. Londres: Lion, 2008.

THOMPSON, D. **A brief history on the Church and Parish, The Parish Church of St Gilles on the Hill**. Mimeo. Norwich: 2007.

TRICKER, R. **The Church of St John Maddermarket**. Londres: The Churches Conservation Trust, 2001.

WATKIN, D. **English Architecture**. Londres: Thames & Hudson, 2005.

WILSON, B. **Religion in sociological perspective**, Oxford: Oxford Press, 1982.

Recebido em Março de 2012
Aprovado em Julho de 2012